

EDITORIAL



Vereador Lucas Pavanato

Sócrates, filósofo ateniense considerado o pai da filosofia ocidental, mudou o foco do pensamento grego da natureza para o ser humano e a ética, criando o famoso método de questionamento baseado no diálogo e o reconhecimento da própria ignorância: o "só sei que nada sei".

Ela era um crítico ferrenho da democracia ateniense. Ele acreditava que governar exigia conhecimento especializado e que permitir que qualquer pessoa votasse sem preparo intelectual levaria a decisões desastrosas.

Eleger Lucas Pavanato foi sem dúvida uma decisão desastrosa.

Nunca fui partidário desse pensamento do Sócrates mas vendo a «criação» e eleição de um vereador da maior, mais rica e poderosa cidade do Brasil do perfil de Pavanato, começo a pensar que talvez Sócrates tivesse razão.

Em 2024, eu fui candidato a vereador por São Paulo, mesma eleição em que esse vereador foi eleito. Há época eu morava na Vila Alpina, bairro vizinho ao Parque São Lucas onde morava o então também candidato a vereador Lucas Pavanato.

É lógico que eu pedia para que os eleitores do meu bairro e bairros vizinhos votassem em mim. Mas também pedia que caso não gostassem das minhas propostas, pelo menos não votassem em Lucas Pavanato porque já o conhecia e sabia que tipo de vereador ele seria caso ganhasse.

Pois bem: menos que falar especificamente sobre o vídeo em que esse cidadão aparece chamando professor de vagabundo dentro da Câmara de São Paulo, vale olhar com calma para o caminho que colocou um sujeito como ele naquele lugar.

Não estamos falando apenas de um

vereador da maior capital do Brasil fazendo barulho na internet. Estamos falando de um jovem sem trajetória profissional concreta, sem produção intelectual, sem experiência pública relevante, recebendo autoridade para decidir questões que afetam diretamente a vida de milhares de trabalhadores.

Para qualquer professor, é impossível não reconhecer imediatamente o tipo de jovem que se identifica com esse comportamento. Pavanato lembra muito aquele aluno que transforma provocação em carisma dentro da sala de aula. Aquele que interrompe, debocha, desafia qualquer figura de autoridade e faz parte da turma rir porque aparenta coragem.

Muitos adolescentes enxergam nisso uma espécie de força "antissistema", quando na verdade boa parte dessa postura nasce de revolta mal elaborada, frustração e necessidade constante de validação.

A internet potencializou isso num nível absurdo. Esses jovens cresceram vendo estilos de vida inalcançáveis, riqueza instantânea, fama e performance o tempo inteiro.

A vida real quase nunca acompanha essas promessas.

Surge então uma indignação difusa. Uma sensação permanente de fracasso e deslocamento.

Só que refletir profundamente sobre a origem desse desconforto exige repertório, maturidade e disposição para encarar questões complexas. É muito mais fácil encontrar alguém que transforme essa frustração em espetáculo.

Pavanato faz exatamente isso. Ele debocha, simplifica, cria inimigos fáceis e oferece identificação emocional rápida. O professor vira símbolo de tudo aquilo que esse tipo de discurso odeia: reflexão, mediação, complexidade, limite.

A política, claro, absorveu completamente a lógica do influencer. Importa menos a experiência do que a capacidade de viralizar.

Talvez o mais preocupante seja perceber quantos jovens passaram a enxergar arrogância, superficialidade e desrespeito não como limitação, mas como superioridade e autenticidade.



Por
MARCIO BORGES
JORNALISTA
REDATOR CHEFE
MTB 86159/SP



Gisele Sousa é psicóloga e Treinadora de Comunicação

Existe um cemitério de frases não ditas que todos nós carregamos. Ele fica localizado exatamente entre o pensamento e a laringe.

É para lá que enviamos as nossas discordâncias, os nossos limites e os nossos "nãos" mais urgentes, tudo em nome de uma suposta harmonia social.

Mas a psicanálise nos ensina algo implacável: aquilo que a boca não fala, o corpo grita — ou, pior, a alma adoece.

O que nos impede de falar não é a falta de educação ou de vocabulário, mas um **medo ancestral**. No nosso DNA, ainda ecoa o registro de que, para nossos antepassados, ser expulso do grupo era uma sentença de morte.

Inconscientemente, o nosso sistema nervoso confunde "ser criticado" ou "discordar" com o risco de ser abandonado na savana. Temos um medo visceral de que, se não formos amados por todos, deixaremos de existir. É por isso que o seu coração dispara e a sua voz some: **o seu inconsciente entende que se posicionar é um risco à sua sobrevivência.**

O Custo Invisível da Autoanulação

O problema é que esse silêncio que parece te proteger é o mesmo que te isola da vida. No ambiente profissional, o talento que não se posiciona torna-se invisível. Projetos brilhantes morrem porque seus autores tiveram medo de

A Ditadura da Conveniência: Por que temos tanto medo de ocupar nosso espaço?

Por Gisele Sousa

defendê-los; promoções são perdidas não por falta de competência, mas por falta de presença. Quando você se cala, você dá permissão para que os outros definam quem você é e até onde você pode ir.

Na vida pessoal, o custo é ainda mais doloroso: a erosão da intimidade. Não existe conexão real onde não há verdade. Quando você se cala para "não estragar o jantar", você vai acumulando pequenos tijolos de ressentimento que, com o tempo, constroem um muro entre você e quem você ama. Você está fisicamente ali, mas sua essência se retirou da sala. O silêncio que você usa para manter a harmonia lá fora é o mesmo que cria a guerra aqui dentro.

O Hiato entre Sentir e Falar

O problema não é você não saber o que dizer. É que você trava antes mesmo de abrir a boca, porque o seu sistema de segurança prioriza a aceitação em vez da sua dignidade. Mas entenda: **estabilidade emocional não é a ausência de medo.**

É a capacidade de sentir esse tremor ancestral e, ainda assim, não se perder na hora de responder. Saber se posicionar é um ato de saúde mental. Firmeza não é agressividade; é **clareza sustentada**. É a generosidade de dar ao outro o mapa de quem você é. Sem essa clareza você não tem relações. Você tem adaptações de conveniência.

O Desafio de Habitar a Própria Pele

Se você quer parar de se anular, não espere a coragem chegar — ela é um troféu que você só ganha depois de ter falado. Comece pequeno, mas comece hoje. Use sua voz para proteger seus sonhos e honrar seus limites.

O objetivo de ocupar seu espaço não é ganhar todas as discussões. É garantir que, ao final do dia, a pessoa que o mundo enxerga seja, de fato, você. É trocar a segurança morna do silêncio pela liberdade vibrante de ser quem se é. **Afinal, você não precisa de uma nova voz. Você só precisa parar de silenciar a que já tem.**



Mariah Botollin lança o livro A ILUSÃO BATE A PORTA

Em uma noite de autógrafos bastante concorrida que aconteceu no dia 18/05, segunda-feira, na Livraria Martins Fontes na Av Paulista, a escritora e atriz Mariah Botollin lançou o seu livro «A Ilusão Bate à Porta: O Arrependimento de Uma Traição»

Entre as personalidades que prestigiaram o evento estavam o cineasta Jorge Van Dame e o apresentador de TV e **pré-candidato a deputado estadual pelo AGIR Toninho Serapião Tubarão.**

A obra explora as consequências

de uma infidelidade dentro de um casamento aparentemente feliz.

Na trama, Humberto e Catarine são casados há 11 anos e gerenciam um escritório de contabilidade em uma cidade do interior.

Tudo parece perfeito até que um

acontecimento abre a "porta" para sentimentos escondidos como paixão, inveja, ódio e mentiras, trazendo à tona as trágicas consequências de uma traição

Você pode adquirir o livro pelo site da Livraria Martins Fontes.